



Do Esperar ao Esperançar - Apontamentos para uma sociologia do cotidiano

.....

Camilo Braz
Mario Pecheny

Algumas pistas para uma sociologia da espera

Um primeiro passo para uma sociologia da espera é nos aproximarmos de perspectivas focadas na análise daquilo que é corriqueiro, quase banal. A espera é tão presente no dia-a-dia de quem vive em grandes centros urbanos, tão naturalizada, que, à primeira vista, pode até soar exótica a proposta de refletir sobre suas implicações sociológicas. Mas, como ensinou Gilberto Velho, “o que sempre vemos e *encontramos* pode ser familiar, mas não é necessariamente *conhecido*, e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (Velho, 1980, p. 126, *itálicos no original*). Entre uma ponta e outra, um mundo

de experiências se abre a uma sociologia do cotidiano, preocupada tanto com a reprodução quanto com a produção de relações sociais (Martins, 2014), incluindo as que fazem parte do rol das experiências sensíveis de quem se coloca, assim, a complexa tarefa de “estranhar o familiar”, ou seja, “confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (Velho, 1980, p. 131). De fato, a espera nos é tão habitual que, talvez até tautologicamente, *esperamos por ela*: ela faz parte daquilo *que se espera* que vá acontecer, em muitos espaços, de variadas formas e com efeitos diversos. Extrair as lógicas sociais e culturais daquilo que soa familiar não é algo novo. Trata-se de um campo vasto, que provoca a “imaginação sociológica”, centrada nas relações entre indivíduo e sociedade, ou nas pontes entre questões micro e macrosociais, “biografia” e “história” (Mills, 1969), remetendo assim aos clássicos da Sociologia e da Antropologia urbanas, à análise de dramas e situações sociais e ao interacionismo simbólico, que em linhas gerais postula que

os seres humanos agem com as coisas com base nos sentidos que as coisas apresentam para eles; essas “coisas” incluem tudo que os seres humanos podem perceber no mundo, como objetos físicos, categorias de objetos, instituições, ideais, atividades e situações; o sentido dessas coisas é derivado ou emerge da interação social que temos com nossos semelhantes; esses sentidos são manipulados e modificados por um processo interpretativo, usado pela pessoa ao lidar com as coisas que ela encontra. (Nunes, 2013, p. 258).

Análises das ciências sociais sobre experiências corriqueiras nos auxiliam a propor, ainda que preliminarmente e sem preten-

são de revisão bibliográfica exaustiva, pistas para uma possível sociologia da espera. Tomemos, como um exemplo dentre muitos outros possíveis, a fofoca.

Quando Cláudia Fonseca nos convida a circular pelas vilas Cachorro Sentado e São João, localizadas na cidade de Porto Alegre, produz uma descrição densa das relações cotidianas que articulam certas dimensões de classe e de gênero. Segundo a autora, a literatura antropológica nos fornece pistas para compreender “a força da fofoca”: desde o reforço de um sentimento de identidade, ou de comunidade, pela definição dos limites entre quem faz ou não parte de um grupo – afinal, “não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas” (Fonseca, 2004, p. 23) –, passando pelo modo como a fofoca pode adquirir um caráter até pedagógico a respeito de normas e convenções morais, ou mesmo uma grande potencialidade como forma de comunicação. A fofoca “serve para informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública” (p. 23). É nesse sentido que fofoca, família e honra são articuladas pela autora por meio de uma escrita etnográfica sensível, preocupada com a análise das micropolíticas das relações cotidianas. O interesse socioantropológico pela fofoca, assim, reside na possibilidade de pensá-la como aquilo que, indo “de boca em boca”, pode ser estratégico para revelar tramas sociais bastante complexas e refinadas (Fasano, 2006). É nessa chave que podemos estabelecer um ponto de partida para a reflexão sociológica sobre a espera: como catalisadora de relações sociais. Nas próximas seções, pretendemos discutir a espera nessa chave, em três de seus possíveis aspectos: como reveladora de relações de

poder (*to wait*); como (re)afirmação de expectativas sociais normativas (*to expect*) e como construção de perspectivas de futuro, o que remete à ideia de esperança (*to hope*).

To wait... espera e relações de poder

Uma perspectiva sociológica clássica que correlaciona a espera e as relações de poder é a de Barry Schwartz (1974), que, a partir de uma discussão sobre oferta e demanda de bens e serviços, bem como do pressuposto de que a espera limitaria um uso produtivo do tempo, afirma que ela gera custos pessoais e sociais diferenciados. O autor argumenta que a distribuição do tempo de espera coincide, em linhas gerais, com a distribuição de poder em determinado contexto social. As interações cotidianas que envolvem a espera corresponderiam, em certa medida, à estratificação social. Não apenas o acesso às pessoas “poderosas” seria mais socialmente regulado, mas elas seriam aquelas com menor capacidade de “tolerar a espera”.

(E)nquanto longos e agonizantes períodos de espera podem ser evitados apenas se alguém estiver disposto a contentar-se com um serviço mais caro, os pobres podem evitar a espera apenas se eles estiverem dispostos a se contentar com serviço algum (Schwartz, 1974, p. 850, tradução nossa).

O tempo de espera é, então, segundo Schwartz, afetado por restrições políticas e econômicas. Dessa perspectiva, como categoria de análise sociológica e antropológica, a espera pode ser considerada como uma forma de acesso às relações de poder em determinado contexto social, histórico, cultural, econômico e político.

Tais ideias são trabalhadas pelo sociólogo argentino Javier Auyero (2012), que, ao etnografar as dinâmicas de espera no Ministério do Desenvolvimento Social em Buenos Aires, procurou relacioná-las com a reprodução cotidiana de estruturas de dominação e desigualdade. Para o autor, paciência e perseverança seriam as qualidades exigidas do que nomeia como “Pacientes do Estado”. E é nessa chave que Mario Pecheny (2017), que vem coordenando já há alguns anos uma pesquisa coletiva sobre cenas de espera na Argentina,¹ apresenta uma discussão sociológica sobre esperar... e fazer esperar. Para a equipe, a espera é uma experiência na qual é acionada a expectativa de que alguém faça ou resolva algo, venha, ou se vá. Já o “fazer esperar” seria um poder potencial ou em ato (Pecheny, 2017, p. 20).

La espera es considerada aquí (...) como una relación social, como una interacción, que instituye al menos dos sujetos (individuales, colectivos, institucionales, reales o imaginarios): quien espera y quien (se) hace esperar (p. 24).

Metodologicamente, uma porta interessante de acesso para uma análise sociológica da espera, nesses termos, é a de *políticas das cenas*, inspirada na proposta de Vera Paiva (2006). Tal abordagem visa a reconstituição narrativa de cenas, típicas e extraordinárias, de espera, com vistas a acessar e ordenar seus elementos significativos e a multiplicidade de perspectivas e *en-*

.....
1 *El poder de hacer esperar y las escenas de espera: primeras coordinadas de una investigación que pretende ser dramática.* Projeto UBACYT, iniciado em 2014 e desenvolvido no Instituto de Investigaciones Gino Germani, vinculado à Facultad de Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires.

jeux. Busca-se a produção de uma descrição narrativa detalhada sobre as situações de espera, que inclui cenários, personagens, palavras, movimentos, sentimentos relativos às experiências de esperar...e fazer esperar – o que implica um “trabalho artesanal de análise” sociológica (Pecheny, 2017). Uma abordagem narrativa, nesse caso, é aquela que

permite apreender os significados humanos que definem a experiência da emoção. Uma consciência da emoção no contexto narrativo traz à tona as contradições e conflitos que as pessoas vivenciam em sua vida social, sua inadequação, sua resistência ou capitulação relutante às pressões sociais, suas abrasões com a realidade, suas lutas por sentido (...) Uma abordagem narrativa deixa opaco o que resiste à análise social; reconhece o irreduzível; não força uma resposta. (Beatty, 2010, p. 438, tradução nossa).

Levando em consideração tudo o que está envolvido nos processos de esperar e, sobretudo, fazer esperar, tal perspectiva considera a espera como impressa nos corpos e nas subjetividades de forma insidiosa (Vázquez *et al.*, 2017, p. 40), atentando, contudo, para seus aspectos relacionais e ambivalências, que implicam, também, em agenciamentos possíveis a partir da espera.

No campo do acesso à saúde, por exemplo, a espera está presente nas narrativas de sujeitos sobre as “*esperas frente a las instituciones de salud, esperas de resultados de tratamientos, esperas y ansiedades frente al entorno social y afectivo, entre otras*” (Farji Neer *et al.*, 2017, p. 102). Contudo, há que se ressaltar, por exemplo, o quanto as etnografias realizadas em salas de espera em ambientes hospitalares revelam, muitas vezes, o agenciamento de discursos, práticas e saberes biomédicos com intencionalidades imprevistas

(Ortega *et al.*, 2017), assim como as estratégias mobilizadas por “pacientes do Estado” que, a despeito de enormes dificuldades, buscam o tempo inteiro “caçar soluções” (Fleischer, 2018) para resolverem seus problemas.

A cena da espera como ação comunicativa (Habermas, 2009) é uma das vias de entrada possíveis para analisar a questão do poder. Entre as dimensões habermasianas da espera estão:

- Dimensão instrumental, como meio para um fim. Espera-se quem vale a pena (o/a especialista, o/a famoso, quem tem o poder). A racionalidade da espera, o cálculo da espera (racionalidade em função dos fins, instrumental), pode ser avaliado nesta dimensão. Aqui temos os cálculos da relação custo-eficácia de uma espera.
- Dimensão regulatória, como adaptação aos parâmetros éticos, regulatórios, legais, de padrões compartilhados. Existem expectativas justificadas e justificáveis e expectativas injustas (ver seção seguinte).
- Dimensão dramaturgica, como atitudes e laços de confiança, sinceridade e autenticidade encenados, aceitos ou questionados. A ação dramaturgica (Goffman) é uma dimensão da ação comunicativa e, portanto, de toda ação – presunção de má ou de boa fé, de autenticidade ou engano, de autoengano (“eu queria chegar lá, mas não consegui ... terminar o texto a tempo”). Como Habermas aponta na chave de Goffman, a presunção de sinceridade ou insinceridade tem efeitos não apenas subjetivos e intersubjetivos, mas também sobre a própria eficácia da (inter)ação.

Além de Habermas, a aposta analítica na espera é examinar o poder depois de Foucault, segundo a leitura de Wendy Brown (2008) acerca do tema. O descentramento da questão sobre a fonte de poder para questões sobre os modos de exercício de poder e os efeitos das relações de poder, incluindo os efeitos de subjetivação, é a principal conceituação para caracterizar o fazer esperar e o esperar como fenômenos de poder (fenômeno no sentido de uma forma de aparecer e se manifestar, mas não remetendo à uma lógica pré-existente ou a uma fonte, mas como um existir pelo manifestar) que tem uma dinâmica própria e sua.

Quem faz esperar exerce um poder, existe um poder em ação aí. Mas quem espera, também: tem poder na medida em que se aborrece ou para de esperar, anulando assim a força de quem faz esperar. Isso abre a possibilidade de pensar, como economia política, a conjunção de micropoderes e poderes tradicionalmente estruturados em relações de dominação (Estado, mercado, família etc.). Em termos específicos, a espera é um dos meios privilegiados de vivenciar os efeitos do poder. Ao contrário, não esperar, não ter que esperar, é vivido como um privilégio ou como uma graça.

O estudo das cenas de espera e fazer esperar permite-nos tomar os efeitos intencionais e não intencionais das ações e das não ações paradoxais que a espera envolve: a gênese da interação de espera e como o poder se manifesta, não apenas em cenas explícitas de dominação ou dando ordens. A prática do poder constrói e organiza sujeitos em vários campos e discursos (saúde, trabalho, dinheiro, sexo, amor). Não se trata apenas de regimes institucionalizados de injustiça ou opressão, mas de subjetivação ou produção multifacetada de sujeitos por normas e práticas sociais.

No esquema de governamentalidade neoliberal, os sujeitos são desafiados e de uma forma esquizofrenizante: são desafiados a desejar, a serem felizes, a terem um certo desempenho sexual, embora nunca sejam capazes de fazê-lo o suficiente. São desafiados a lutar, a se destacar, a ter méritos, enquanto a satisfação mediata se torna uma quimera, o reconhecimento do esforço nunca se materializa em melhorar as condições de fazê-lo funcionar e o mercado de trabalho se torna cada vez mais fechado e implacável. O Estado, contraditório ou paradoxal, protege as categorias vulneráveis ao mesmo tempo que as instala como categorias que precisam de proteção, cada vez mais necessitadas. Um Estado esquizofrênico, uma classe política e uma classe dominante esquizofrênica, que só parecem ouvir as vozes que falam de seu interior. Nesses tempos de pandemia, a situação é ainda mais exagerada: diversos discursos, atores/atrizes, relações, se articulam em torno de esperas que ninguém sabe como e nem quando serão concluídas.

To Expect.... Espera e expectativas

As chamadas teorias performativas de gênero, dentre as quais figuram as propostas de Judith Butler (2003), apontam para gênero como “uma espécie de imitação persistente, que passa como real” (Butler, 2003, p. 8). Gênero não seria algo que, a partir de uma certa perspectiva mais estruturalista, estaria para a cultura assim como o sexo estaria para a natureza, mas passa a ser entendido como “o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre*

a qual age a cultura” (p. 25). O sexo é, dessa perspectiva, efeito de um aparato em constante disputa, discursivo, histórico, cultural, social, político. A interpretação antropológica e sociológica a respeito da espera a partir de narrativas pode apontar para os modos como expectativas pautadas em normas relacionadas a gênero são vividas no cotidiano. A espera na chave de catalisadora de relações sociais pode apontar para as ambivalências a respeito *do que se espera* das pessoas em termos de gênero – e também para os modos como elas lidam com tais expectativas de formas variadas, considerando os marcadores geracionais, raciais, de classe etc.

A partir de uma pesquisa² realizada na cidade de Goiânia sobre os itinerários terapêuticos de homens trans em busca de acesso a serviços de saúde, Camilo Braz aponta que as narrativas de espera dos entrevistados estavam repletas de episódios de constrangimento vivenciados em consultas médicas (Braz, 2019a, 2019b). Um deles narrou a visita a um psiquiatra em uma clínica municipal. O médico perguntou acerca de suas experiências na infância:

[CENA 1] Aí, ele falou “não, mas você gostava de jogar bola e que não sei o que?” ...eu quase falei pra ele “não, mas...o que que isso tem a ver? Se eu brincasse de boneca, eu poderia me sentir homem da mesma forma” ...eu quase falei, mas...como é que...o cara não sabe nem o que é transexualidade, eu vou explicar para ele o que que é gênero?! (André,³ 21 anos, 2015).

-
- 2 “Antropologia, Transformações Corporais e Masculinidades: transmasculinidades no Brasil contemporâneo”, realizada entre 2014 e 2019. A partir de 2016 contou com o apoio do CNPq, através da obtenção de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Nível 2.
 - 3 O nome utilizado é fictício, com a finalidade de respeitar o anonimato do entrevistado.

Muitos dos entrevistados, após episódios como esse (ou ao escutá-los por parte de amigos), afirmaram que eles haviam sido motivadores da desistência ou do receio para se buscar atendimento médico. Tais narrativas mostram o quanto, no que tange às consultas, muitas vezes há expectativas heteronormativas (i.e., aquelas que tomam a heterossexualidade como padrão) e cisnormativas (i.e., aquelas que tomam como padrão a permanência ao longo da vida no “sexo/gênero” atribuído mesmo antes do nascimento) que conformam gestos que pesam.

A verdade é que, numa sociedade profundamente cissexista, numa sociedade tão cissexista que sequer conseguisse enxergar o próprio cissexismo (de tão naturalizada que estava essa lei, de tão apagada que estava a sua origem, a sua razão), não haveria a menor possibilidade de pensarmos a existência material, concreta de pessoas trans. (Moirá, 2017, p. 365).

Nesse caso, as expectativas de gênero, em muitos momentos, operam como uma categoria diagnóstica (Bento; Pelúcio, 2012), inscrita pelo dispositivo da transsexualidade (Bento, 2006) – um processo imiscuído nas micropolíticas do cotidiano (incluindo os espaços de atenção biomédica) e também disputado, agenciado, ressignificado de formas imprevistas.

[CENA 2] No SUS não tem nome social, sabe? (...) Não existe isso. Tipo, só se você exigir, ir lá e bater o pé prá colocar o nome no cartão no SUS, de que que adianta? Estar no cartão do SUS e chega lá (...) no computador tá seu nome de RG! Não adianta nada (...) aquilo ali é um constrangimento, é como estar te xingando. E outra: o problema não é te chamar por aquele nome, o problema é todo mundo estar vendo, porque eles gritam, né? ‘Fulaaaano de tal!’”

Já aconteceu contigo?

Demais, demais! Eu, inclusive, na hora em que eles falam o nome, eu já fico perto da porta, porque aí o povo (...) tipo, nem vai me ver levantar prá ir. Eu já fico perto da porta. Ou então, por exemplo, é (...) eu sei que eu sou o quarto na fila. Chama o terceiro, eu já vou. Pra eles não terem que chamar o meu nome. Isso quando dá prá fazer. Porque aí eu converso com alguém lá e falo ‘não, eu vou entrar antes e tal, porque eu não quero que fale o meu nome’. (André, 21 anos, 2015).

Se as narrativas dos entrevistados trazem cenas de constrangimento vivenciadas em consultas médicas, também evidenciam estratégias das quais lançam mão cotidianamente para evitá-lo. Se há muitos relatos que apontam para o receio em buscar atendimento, isso não significa que esses sujeitos não agenciem, cotidianamente, estratégias para superá-lo.

As expectativas são marcadas e marcam as desigualdades cisheteronormativas, mas também as baseadas em classe, raça, geração, *status*. Quando as expectativas não são respeitadas, as respostas podem inclusive chegar até a violência. Quando uma classe que normalmente “espera” faz esperar a uma classe que normalmente “não espera”, não está acostumada a esperar, não é estranho observar situações de muita tensão – por exemplo, quando há greves, ou manifestações na rua, e os pobres fazem esperar as classes médias em seus carros engarrafados, ou simplesmente na fila dos aeroportos, já que os/as passageiros/as VIP não gostam de esperar com os demais mortais (há fila especial, e quando a expectativa não é satisfeita, protestam ostensivamente.

A resposta, às vezes autoritária, é “colocar a cada quem em seu lugar” com relação às esperas.

Os/as respeitáveis fazem esperar; os estabelecimentos da moda também. A expectativa é que, se eles não fazem esperar, seu respeito se torna suspeito: “será que essa pessoa, que respondeu tão rápido, é tão importante?”, ou “será que esse lugar, sem fila de espera, é tão bom assim?”. A velha categoria de “*status social*” parece estar relacionada com a posição ocupada nessas múltiplas relações de esperar e fazer esperar, e com as expectativas normativas correspondentes.

To Hope... Espera como esperança

Mais do que perguntar-se sobre fonte do poder, como se ele pudesse ser pensado como algo localizado, centralizado (e não, como aponta Michel Foucault (2004), como relacional e imiscuído nas relações sociais), a imaginação sociológica volta-se para as cenas de espera indagando-as como formas privilegiadas de acesso para as estratégias de exercício do poder, para os efeitos das relações de poder, incluindo processos de subjetivação (Pecheny, 2017).

As narrativas sobre a espera podem ser tomadas como catalisadoras de relações sociais que apontam não apenas para a produção de sujeitos, como os “pacientes do Estado” estudados por Auyero, mas para a construção de projetos de vida. Neste último sentido, a espera pode ter a ver também, sociologicamente, com *expectativa* enquanto *esperança*.

Em 01 de março de 2018, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu favoravelmente pela possibilidade de alteração de nome

e de gênero no registro civil para pessoas trans no Brasil, sem a necessidade de procedimentos cirúrgicos ou de laudos. Em 20 de maio de 2019, foi aprovada na 72ª Assembleia Mundial de Saúde, em Genebra, a retirada das experiências transsexuais da lista de transtornos ou distúrbios mentais na nova versão do Código Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS). Tais processos podem ajudar a produzir efeitos nos repertórios simbólicos a respeito das transsexualidades.

Desse modo, Camilo Braz formulou um projeto de pesquisa com a intenção de reencontrar os homens que haviam sido entrevistados entre 2015 e 2016.⁴ A pretensão sociológica e antropológica é produzir elementos etnográficos que possam contribuir para os debates sobre gênero, sexualidade e curso da vida (Simões, 2004; Henning, 2014, 2016). E, além disso, continuar conversando sobre a espera, dessa vez, talvez, mais na sua chave de projeto futuro, de *expectativa*. Afinal, como nos diz Marc Bessin, o objetivo a que se propõe a sociologia do curso da vida é, no limite, o de “identificar las normas y restricciones, culturales y materiales, que orientan el avance de la edad” (Bessin, 2020, p. 275).

Em uma manhã de setembro de 2015, o pesquisador se encontrou com Antônio⁵ na Praça Universitária, que fica localizada no Setor Universitário, em Goiânia. Esse foi o local escolhido pelo entrevistado, que tinha 18 anos e era estudante do primeiro ano de graduação em uma universidade pública. Vivia com a mãe e

.....
4 “Transmasculinidades, Saúde e Espera: antropologia do curso da vida entre homens trans”. A pesquisa conta com o apoio do CNPq, através da obtenção de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Nível 2.

5 O nome é fictício.

a irmã em um bairro de classe média da cidade e dizia viver uma “vida dupla”: com sua namorada e amigos/as, era Antônio; em casa, ainda não. Ele esperava começar a hormonioterapia em breve. O fato de o Projeto Transexualidade, do Hospital das Clínicas da UFG, estar fechado para novos atendimentos naquele momento fazia com que ele tivesse que buscar os hormônios como faziam muitos de seus amigos: “por conta própria”. Contudo, ele tinha receio em obtê-los de forma “clandestina”. Estava juntando dinheiro para passar por uma consulta com uma endocrinologista que havia sido indicada em um grupo de WhatsApp formado por outros homens trans de Goiânia e região, do qual participava cotidianamente. Esperava sair da “vida dupla” e encontrar apoio por parte de sua mãe, sua irmã e demais familiares, mas dizia que só conversaria mais abertamente sobre sua identidade de gênero com tais pessoas depois que iniciasse a hormonização.

Se, de 2015 para cá, ambos não deixaram de ter contato em ocasiões diversas, quatro anos depois se reencontraram em uma situação de entrevista. Isso se deu em setembro de 2019. Dessa vez, o local escolhido por Antônio foi um café, localizado no Setor Bueno, em Goiânia. Antônio já não vivia a “vida dupla”. Sua mãe, inclusive, já estava “conseguindo tratá-lo no masculino”. Ele disse já estar com toda a documentação pronta para solicitar a correção de seus registros civis no cartório no qual foi originalmente registrado, localizado em uma cidade da região metropolitana de Goiânia. Decidiu trancar a faculdade, uma vez que não gostava do curso, e estava trabalhando.

De fato, Antônio iniciou o processo de hormonização em 2015, como esperava, por meio de consulta particular. Dois meses depois,

quando o posto de saúde da UFG começou a atender pessoas trans da comunidade acadêmica, passou a ser atendido por lá. Quando o Projeto Transexualidade, do HC da UFG, reabriu suas portas para novos atendimentos, conseguiu uma vaga e, posteriormente, passou a ter atendimento ambulatorial no segundo projeto criado na capital, ligado ao HGG (Hospital Geral de Goiânia), a fim de realizar exames periódicos e obter as receitas. “Então, a grana que eu tinha guardado eu comprei *binder* [vestimenta utilizada para a compressão do peitoral], produto prá barba, deixei lá sempre reservado, prá... sei lá, se acontecer algum pepino”.

[Cena 3] Eu confesso que a primeira vez que eu apliquei [o hormônio] lembro direitinho, foi na [nome da farmácia]. Eu estava sozinho [...] Aí eu fui lá, apliquei e desci e falei “meu Deus! se eu morrer aqui” [ri] É, tipo assim, com medo mesmo por ignorância, porque nunca se ouviu história de que foi assim. Dentro de farmácia não, a não ser que fosse caseiro. Eu pegar a seringa e aplicar lá em casa aleatoriamente..., mas deu tudo certo.

[E como é que foi? Assim... o quê que você sentiu depois que começou?]

Nossa eu achei legal demais, eu saí pulando literalmente da farmácia, fui pulando, “nossa finalmente deu certo”. É muito massa. Tipo... sensação de liberdade mesmo. Aí, deu seis meses, já começou a crescer barba, em 3, 4 meses minha voz já não estava oscilando tanto, começou a ficar grossa. De vez em quando ficava fina, mas aí 4, 5 meses estabilizou. Agora os 2, 3 primeiros meses eu fiquei com uma oscilação de humor horrível. Mas até que minha família teve paciência [Antônio, 22 anos, 2019].

A paciência reaparece na narrativa, assim como em 2015, mas adquire novos significados, não mais tão diretamente relaciona-

dos ao “ter que esperar” por atendimento médico. Sua prioridade ainda era passar pela mamoplastia masculinizadora. Alguns de seus amigos que a realizaram pelo Processo Transexualizador não ficaram satisfeitos com os resultados estéticos. Então, sua intenção era a de realizar o procedimento com um médico de outro estado, que havia realizado a cirurgia em um amigo próximo.

[Cena 4] Estou esperando, já tenho o dinheiro, vou fazer no particular (...) Porque eu sou uma pessoa paciente, mas também exigente, já que eu consigo ter essa escolha financeira, então melhor deixar a vaga lá pro pessoal que realmente precisa gratuito e tudo mais, não loto mais [o serviço] e faço [Antônio, 22 anos, 2019].

Em relação às demais cirurgias, Antônio disse que sua cabeça havia “mudado um pouco”. Antônio se disse “mais tranquilo e paciente” em relação à busca por outros procedimentos além da mamoplastia. Isso se devia, em parte, ao fato de estar namorando e prestes a morar junto com a sua atual namorada, que se reconhece como travesti. Nesse sentido, a possibilidade de engravidar passou a fazer parte de suas expectativas.

[Cena 5] Porque até então eu namorava com mulheres cis onde a possibilidade seria elas engravidarem e tudo o mais. Hoje não. Eu às vezes penso, às vezes ainda fico com dúvida se eu teria coragem de engravidar. É que nem... a minha namorada ainda tem o pênis, não quer tirar, acredito que ela é fértil, eu também ainda sou fértil, inclusive eu estou sem hormônio faz uns seis meses, por aí, mas por escolha minha. Lógico que algumas coisas voltaram, mudou um pouco, algumas coisas ruins, mas no mais eu não estou morrendo não. Eu inchei mais, engordei prá caralho, o peito também já né? Mas está ok. É porque o nível de maturidade também, é aquela

coisa... depois que eu sou reconhecido como homem, não tem essa necessidade [Antônio, 22 anos, 2019].

Carlos Eduardo Henning (2014) propõe, a partir de um olhar acerca do panorama relacionado à ideia de velhice, o conceito de teleologia heteronormativa, relacionado ao curso da vida, entendido como uma

forma normativa de estipular metas, fins e objetivos últimos para o percurso biográfico (como relações sexuais, conjugalidade, reprodução, parentalidade e conformação familiar), os quais são guiados por referenciais heterossexuais inequívocos e aparentemente inescapáveis, e cuja finalidade e sequencialidade linear e irretornável se tornam – em um efeito social pervasivo e convincente – princípios fundamentais de explicação, significação e ordenação da experiência biográfica. (Henning, 2016, p. 367-368).

Lorena Oliveira (2017), a partir de sua pesquisa sobre envelhecimento entre travestis em Belo Horizonte, afirma que pensar antropológicamente sobre tais trajetórias é falar não apenas sobre velhice, mas sobre trajetórias de sobrevivência. Esse reencontro com Antônio provoca a pensar sobre a espera como catalisadora de relações sociais em termos de expectativas relacionadas ao curso da vida, e a considerar suas potenciais ambivalências, especialmente quanto às expectativas de gênero e referenciais cisnormativos, que, muitas vezes, colocam em discurso a chamada “transição de gênero”. Antônio parece encontrar as palavras para descrevê-la menos enquanto algo linear, mecânico e direto – como evoca a expressão, bastante preconceituosa, de “mudança de sexo”, ainda hoje presente no imaginário em torno das vivências de pessoas

trans –, e fala de suas experiências muito mais enquanto processo, fluxo, itinerário. Isso tem, talvez, a potencialidade de contribuir para alargar discussões sociológicas e antropológicas em relação ao curso da vida, a partir das lentes dos estudos de gênero e de sexualidade, para além de referenciais cisnormativos.

Quando perguntado sobre como se imaginava daqui a alguns anos, a primeira resposta de Antonio foi a de que esperava estar casado com sua namorada, por quem estava “super apaixonado”. Além disso, disse esperar por mudanças políticas no Brasil, uma vez que o atual governo, em suas palavras, “está cagando e andando para milhões de minorias”.

As esperas como esperanças podem definir as vidas de muitas pessoas: as mães e outros familiares que esperam a aparição de seus seres queridos desaparecidos, as pessoas que reclamam justiça ou reparação. Por isso, é importante considerar sociologicamente os sentidos de justiça e injustiça que definem a espera como digna, humilhante, indiferente, e as formas de significar previamente, durante e no final do processo, essa espera como tal (como espera digna ou humilhante, como esperas que valem a pena ou são inúteis). As tensões da espera aqui se vinculam à ideia de respeito da palavra, ou bem de rompimento de laços e falha de promessas.

Considerações finais

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para
Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara
Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
[Lenine, Paciência, 1999]

Espera. Um tema que, na atualidade, adquire contornos dramáticos, quando o mundo vivencia a pandemia de Covid-19. E, no Brasil, especialmente dramáticos, beirando o insuportável e o insustentável, especialmente para as pessoas que têm seus corpos e vidas marcados por desigualdades de classe, de gênero, de sexualidade, de idade, de etnia, de escolaridade, de regionalidade, de condições de moradia. A espera, sem encontros possíveis além dos remotos, mediados por telas, máscaras e distanciamento, ganha aspecto de incerteza.

Para Maria Claudia Coelho, as ciências sociais são, em grande medida, movidas por sentimentos – apesar de que, muitas vezes,

as emoções tenham sido vistas como “intrusas indesejáveis”, tanto por sociólogos/as quanto por antropólogos/as. Contudo, ela vai nos dizer que a nostalgia é um afeto propulsor do conhecimento antropológico, enquanto o pessimismo é uma atitude afetiva da Sociologia diante da chamada modernidade.

Antropologia e sociologia seriam então disciplinas impulsionadas por sentimentos: uma nostalgia por um passado representado como perdido, um pessimismo diante de um futuro vislumbrado como sombrio. (Coelho, 2019, p. 289).

Levando em consideração tudo o que está envolvido nos processos de esperar e, sobretudo, fazer esperar, é preciso considerar mesmo que a espera está impressa nos corpos e nas subjetividades de forma a (re)produzir relações de poder. Mas, além disso, se seguimos a imaginação sociológica, a espera enquanto catalisadora de relações sociais talvez possa ser entendida também à luz de todas as ambivalências implicadas entre efeitos de dominação e estratégias de resistência, como esperança e como “esperançar”. E talvez vivamos hoje um cenário político em que pensar sobre tais possibilidades, onde quer que elas existam, pode ser, literalmente, oxigênio. Afinal, como nos ensina Paulo Freire (2013, p. 9),

sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica.

Referências

- AUYERO, Javier. *Pacients of the State – The politics of waiting in Argentina*. Durham e London, Duke University Press, 2012.
- BEATTY, A. How did it feel for you: emotions, narrative, and the limits of ethnography. *American Anthropologist*, v. 112, n. 3, p. 430-443, 2010.
- Bento, Berenice. *A reinvenção corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista de Estudos Feministas*, 20(2): 569-581, 2012.
- BESSIN, Marc. Curso de vida y temporalidades biográficas: algunos elementos problemáticos. *Trabajo y Sociedad*, n. 35, p. 271-279, 2020.
- BRAZ, Camilo. Acá yo soy un pibe normal. Narrativas sobre la espera y el acceso a derechos entre varones trans en Argentina. *Sexualidade, Saúde e Sociedade*, v.31: 119-138, 2019a.
- BRAZ, Camilo. Vidas que esperam? Itinerários do acesso a serviços de saúde para homens trans no Brasil e na Argentina. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 35: 1-11, 2019b.
- BROWN, Wendy. Power After Foucault. In: Dryzek, John, S.; Honig, Bonnie; Phillips, Anne (org.). *The Oxford Handbook of Political Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COELHO, Maria Claudia. As emoções e o trabalho intelectual. *Horizontes Antropológicos*, 54, p. 273-297, 2019.

FARJI NEER, Anahí; MERTEHIKIAN, Yasmín; CUNIAL, Santiago; KOLKOWSKI, Emiliano. Procesos y experiencias en torno a los tratamientos de reproducción médicamente asistida. In: Pecheny, Mario; Palumbo, Mariana (org.). *Esperar y hacer esperar: escenas y experiencias en salud, dinero y amor*. Buenos Aires: Teseopress, 2017.

FASANO, Patrícia. *De boca en boca: el chisme de la trama social de la pobreza*. Antropofagia: Buenos Aires, 2006.

FLEISCHER, Soraya. *Descontrolada*. Uma etnografia dos problemas de pressão. São Carlos, EDUFSCAR, 2018.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*, 2.ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Sécurité, Territoires, Population*. Paris: Gallimard y Seuil, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la Acción Comunicativa*. Trad. Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1988. v. I e II.

HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Trabalho apresentado para obtenção do título de Doutorado em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil, 2014.

HENNING, Carlos Eduardo. “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. *Cadernos Pagu*, Campinas, UNICAMP, 46, 341-371, 2016.

MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana – ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. Editora Contexto: São Paulo, 2014.

MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MOIRA, Amara. O cis pelo trans. *Revista de Estudos Feministas* 25(1), 365-373, 2017.

NUNES, Jordão Horta. Interacionismo simbólico e movimentos sociais: enquadrando a intervenção. *Sociedade e Estado*, 28(2), 2013, p. 257-277.

OLIVEIRA, Lorena Hellen de. *Travesti Envelhece, Não Vira Purpurina! Um olhar interseccional sobre a(s) velhice(s) na experiência de travestis em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

ORTEGA, Julián; TISEYRA, María Victoria; MORCILLO, Santiago; GÁLVEZ, Marine. (2017). (Im)pacientes trans en hospitales públicos de Buenos Aires. La experiencia de la espera y la accesibilidad en contextos de estigmatización. *Vivência – Revista de Antropologia*. Natal: UFRN.

PAIVA, Vera. Analisando cenas e sexualidades: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos. In: C.Cáceres, G.Careaga, T.Frasca y M.Pecheny (ed.). *Sexualidad, estigma y derechos humanos: desafíos para el acceso a la salud en América Latina*. Lima: FASPA/UPCH, 2006.

PECHENY, Mario. Introducción. *In: Pecheny, Mario; Palumbo, Mariana (org.). Esperar y hacer esperar: escenas y experiencias en salud, dinero y amor.* Buenos Aires: Teseopress, 2017.

SCHWARTZ, Barry. Waiting, Exchange, and Power: The Distribution of Time in Social Systems. *American Journal of Sociology*, v. 79, n. 4, 1974, p. 841-870.

SIMÕES, Julio Assis. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. *In: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sérgio. (org.). Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.* Rio de Janeiro: Garamond: 415-447, 2004.

VÁZQUEZ, Sandra; FERNANDEZ, Salomé; SZWARC, Lucila. Esperando un aborto exitoso. Tensiones en la espera por abortar con pastillas en el Área Metropolitana de Buenos Aires. *In: Pecheny, Mario; Palumbo, Mariana (org.). Esperar y hacer esperar: escenas y experiencias en salud, dinero y amor.* Buenos Aires: Teseopress, 2017.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. *In: Individualismo e Cultura – notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.